Feminismo(s), agroecologia e mulheres rurais:uma revisão integrativa da literatura

Feminism(s), agroecology and rural women: An integrative literature review

OLÍDIA, Camila[1]; DIAS, Paloma Pereira[2]; LOPES, Ivonete da Silva[3]; COSTA, Bianca Lima[4]

[1] Universidade Federal de Viçosa, camilaolidia@gmail.com; [2] Universidade Federal de Viçosa, paloma.dias@ufv.br; [3] Universidade Federal de Viçosa, ivonetelopes@ufv.br; [4] Universidade Federal de Viçosa, bianca.lima@ufv.br

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Gênero, Feminismos e Diversidades na Construção Agroecológica

Resumo: As mulheres rurais representam uma minoria específica e o estudo dessa realidade tona-se fundamental para visibilizar suas reivindicações e para a construção de uma sociedade baseada na igualdade de gênero. O objetivo deste trabalho foi mapear os dados disponíveis na literatura sobre as relações entre os feminismos, a agroecologia e as mulheres rurais. Especificamente, objetivou discutir a auto-organização das mulheres rurais e as formas como são garantidas a autonomia política deste grupo. Através de uma revisão integrativa foram encontrados 26 artigos que abrangem os temas: sustentabilidade e mudanças climáticas; movimentos sociais, organizações feministas e políticas públicas; trabalho, gênero e autonomia agroalimentar. Entre os resultados, destaca-se a importância das políticas públicas direcionadas às mulheres camponesas, as organizações e movimentos sociais feministas e, da prática agroecológica, para a sua autonomia política e a reprodução social do campo.

Palavras-chave: mulheres camponesas; gênero; movimentos sociais; reprodução social.

Introdução

As experiências agroecológicas mostram que as mulheres têm presença significativa no associativismo (cooperativas, associações, coletivos), principalmente quando estes estão ligados à comercialização dos produtos em circuitos curtos de comercialização (LEVIDOW; SANSOLO; SCHIAVINATTO, 2021; WOHLGEMUTH, 2014). Este associativismo, conforme Hillenkamp (2019) e Wohlgemuth (2014), é fundamental para a autonomia e emancipação das mulheres, além de contribuir para a construção de relações sociais mais justas, pois passam a ser espaços de discussão dos problemas enfrentados por elas e consequentemente de construção de soluções coletivas, como a produção de alimentos e a segurança alimentar.

As mulheres rurais são promotoras fundamentais da segurança alimentar e nutricional das famílias e comunidades, pois, além de serem as maiores responsáveis pela produção de alimentos no campo estão diretamente ligadas ao cuidado com os animais, ao manejo sustentável de agroecossistemas e ao

processamento de produtos de origem vegetal e animal (FERREIRA; BARROS; BEVILACQUA, 2020). McMahon (2002), afirma que a produção de alimentos realizada pelas mulheres agricultoras familiares é capaz de alimentar suas famílias e comunidades e que são elas as mais atingidas pelas desigualdades e consequências ambientais causadas pela agricultura industrial de larga escala.

Neste contexto, a agroecologia se estabelece como uma alternativa de produção sustentável de base familiar e solidária, com capacidade de gerar justiça social (LARRAURI; NEIRA; MONTIEL, 2016). No entanto, apesar de existirem tentativas, os desafios em estabelecer a perspectiva de gênero nas práticas agroecológicas levantam a preocupação, quanto a real possibilidade de se gerar mudança social nas comunidades e na vida das mulheres rurais (FERREIRA; BARROS; BEVILACQUA, 2020; LARRAURI; NEIRA; MONTIEL, 2016). Sendo assim, o presente trabalho objetivou levantar os dados disponíveis na literatura sobre as relações entre os feminismos, a agroecologia e as mulheres rurais. Especificamente, objetivou discutir a auto-organização das mulheres rurais e as formas como são garantidas a autonomia política deste grupo.

Metodologia

A revisão bibliográfica realizada neste trabalho enquadra-se no modelo de revisão integrativa. A revisão integrativa enquanto método de pesquisa permite que sejam analisados estudos experimentais e não-experimentais por meio da junção de dados teóricos e empíricos e dessa forma, o fenômeno estudado pode ser compreendido de maneira ampla e coerente (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010).

As etapas da revisão integrativa são: identificação do tema e seleção da questão de pesquisa; estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão; identificação dos estudos pré-selecionados e selecionados; categorização dos estudos selecionados; análise e interpretação dos resultados; apresentação da revisão/síntese do conhecimento (BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011).

O tema da pesquisa foi a intersecção entre mulheres rurais, agroecologia e feminismo e como estes estão conectados à organização política. Para a execução da revisão bibliográfica, realizada entre agosto e novembro de 2021, foram utilizadas as palavras-chaves “feminismo”, “agroecologia” e “mulheres rurais” (PT-EN), sem o estabelecimento de marco temporal, em duas bases de dados: *Portal de Periódicos da Capes* e *Scopus*. Para a avaliação da adequação dos artigos ao tema foram utilizados os seguintes critérios: abordar as relações existentes entre a agroecologia, a mulher rural e o feminismo. Os artigos que abordam temas sobre os movimentos sociais rurais também foram incluídos na área de interesse, uma vez que estes são agentes políticos de transformação da sociedade.

Resultados e Discussão

A primeira base de dados, o *Portal de periódicos da Capes*, apresentou a ocorrência de 47 artigos na busca em português e 79 artigos na busca em língua inglesa. Destes, foram selecionados oito artigos em inglês e 15 em português; seguindo os critérios de pertinência e adequação ao tema da revisão. A segunda base utilizada foi a *Scopus*. Nesta, após a procura em língua inglesa, foram encontrados cinco artigos, sendo todos eles adequados ao tema (três em inglês, um em espanhol e um em português). O *Portal de Periódicos da Capes* e a *Scopus* apresentaram dois artigos em comum e os repetentes foram excluídos. Dessa forma, a quantidade total de artigos analisados foi de 26 exemplares.

Sobre o ano de publicação, as datas variaram entre 2002 e 2021, sendo a maior quantidade de publicações no ano de 2020 (cinco publicações) e nos anos de 2016 e 2021 (quatro artigos cada), seguido de 2019 (três artigos). Representando uma linearidade nas publicações sobre o tema a partir de 2019. Para facilitar a interpretação dos dados, os periódicos foram divididos em três categorias: 1. sustentabilidade e mudanças climáticas; 2. movimentos sociais, organizações feministas e políticas públicas; 3. trabalho, gênero e autonomia agroalimentar.

A primeira categoria analisada nos periódicos foi a discussão sobre sustentabilidade, mudanças climáticas e a importância das mulheres rurais e da agroecologia no contexto da globalização. Segundo Larrauri, Neira e Montiel (2016), a organização da sociedade capitalista é baseada no patriarcado e nas relações de gênero, que fomentam a divisão sexual do trabalho e a distribuição desigual de poder, como no acesso aos recursos naturais, que se apresentam cada vez mais escassos devido às alterações do clima. Neste contexto, as mulheres agricultoras estão entre os principais grupos afetados pelas mudanças climáticas. As alterações nos padrões sazonais de temperatura e precipitação aumentam a carga de trabalho feminino, responsáveis pelo sustento familiar, e por enfrentarem as dificuldades das safras flutuantes, a restrição no acesso à água e alimentação para o consumo próprio e dos animais domésticos e de pastagem (FEITOSA; YAMAOKA, 2020).

Por isto, a agroecologia apresenta-se como uma estratégia para o aumento da capacidade de resiliência das comunidades rurais frente às mudanças climáticas, além de contribuir para estabelecer relações de gênero mais justas e baseadas em valores de colaboração (FEITOSA; YAMAOKA, 2020). As ativistas ambientais e a organização das ecofeministas são exemplos de grupos de mulheres que se engajam na luta ecológica e fortalecem laços de associativismo e reciprocidade (FLORES; TREVIZAN, 2015).

O segundo tema analisado consiste em artigos que discutem a relação existente entre os movimentos sociais e as organizações feministas, percebendo como essa articulação influencia a construção de políticas públicas para as mulheres.

Sabemos que os processos de organização e de construção da identidade coletiva dos movimentos sociais levaram as mulheres rurais a se reconhecerem como

sujeitos políticos e agentes transformadoras da sociedade, capazes de criar uma agenda política nacional para as mulheres camponesas (MASSON; BASTIEN, 2021). Deste modo, compreende-se que a relação das mulheres rurais com as organizações ativistas populares transformou o(s) feminismo(s), agregando movimentos como a Marcha das Margaridas e o Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), determinantes para que o discurso feminista incluísse as questões rurais e agrícolas (MASSON; BASTIEN, 2021).

Chehab e Carvalho (2020), ressaltam o protagonismo da articulação e da resistência das mulheres do campo e de comunidades tradicionais que constroem um feminismo popular interseccional e conectado com suas realidades. Assim, o associativismo e a auto-organização se tornaram fundamentais para as mulheres rurais e a agroecologia, pois os encontros formativos, associações e cooperativas, possibilitaram a elas participar e intervir no espaço público, fortalecer o empoderamento e a construção coletiva por meio de experiências importantes para a transição agroecológica, como os mutirões de colheita/plantio, os bancos coletivos de semente e o fundo rotativo solidário (FERREIRA, 2016).

Por outro lado, os discursos sobre o desenvolvimento das mulheres rurais e os acordos debatidos em reuniões internacionais e que fazem parte do plano de desenvolvimento global (Agenda 3030), apesar de apresentarem avanços, não saíram efetivamente da realidade abstrata (SAMPER; CHARÃO, 2017). Deste modo, a expansão das políticas públicas para as mulheres rurais é defendida por autoras como Hillenkamp (2019), ao abordar a prática da política de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), em especial o ATER-Mulheres.

Por último, a terceira categoria temática acerca da intersecção entre o(s) feminismo(s), a agroecologia e as mulheres rurais, contém artigos que discutem as relações entre trabalho e gênero e como estes refletem na autonomia agroalimentar das mulheres rurais, uma vez que as práticas de trabalho e seus respectivos espaços de execução estão conectadas com os significantes masculinos e femininos predominantes na sociedade capitalista e são fundamentadas em relações de exclusão e oposição (VARANDA, 2019).

Assim, a divisão sexual do trabalho, segundo Herrera (2016), destina aos homens o trabalho produtivo, ou seja, o trabalho remunerado, que depende da ‘força bruta’ e da ‘racionalidade masculina’, entretanto, são designados às mulheres tarefas associadas à ‘bondade’’ feminina, como as atividades domésticas e de cuidado, pouco ou não remuneradas (HERRERA, 2016). Por isto, seria através de um projeto político agroecológico e feminista que as mulheres poderiam alcançar autonomia no ambiente rural, havendo a necessidade de serem adotadas abordagens metodológicas feministas na agroecologia para a garantia da igualdade de gênero e a autonomia das mulheres (HILLENKAMP, 2019; FEITOSA, YAMAOKA, 2020).

Conclusões

O movimento agroecológico, quando associado às pautas feministas de igualdade de gênero, tem se tornado um instrumento para o estabelecimento de relações sociais mais justas no campo. Assim, as mulheres rurais quando conscientes da sua realidade, principalmente quanto ao trabalho reprodutivo que realizam, são capazes de contribuir, ainda mais, com a sustentabilidade ambiental e a segurança alimentar de suas famílias e comunidades. A participação delas em movimentos sociais e a efetivação de políticas públicas por parte do Estado, são elencados como imprescindíveis para a autonomia das mulheres rurais. No entanto, ainda é incipiente nos artigos acadêmicos analisados a discussão racial e de outros grupos minoritários, o que deveria ser considerado um fator prioritário para o avanço no estudo das mulheres rurais.

Referências bibliográficas

BOTELHO, Louise Lira Roedel; CUNHA, Cristiano C. de A. C.; MACEDO, Marcelo. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e sociedade**, v. 5, n. 11, p. 121-136, 2011.

CHEHAB, Isabelle Maria Campos Vasconcelos; CARVALHO, Giovana Nobre. Feminismo camponês e popular: a voz que vem do campo. **Revista Artemis**, v. 29, n. 1, p. 157, 2020.

FEITOSA, Cíntya; YAMAOKA, Marina. Strengthening climate resilience and women's networks: Brazilian inspiration from agroecology. **Gender & Development**, v. 28, n. 3, p. 459-478, 2020.

FERREIRA, Ana P. L. Agricultoras do Pajeú: feminismo e agroecologia no semiárido brasileiro. **PEGADA - A Revista da Geografia do Trabalho**, v. 17, n. 1, 2016.

FERREIRA, Eduarda L.; BARROS, Rodrigo A.; BEVILACQUA, Paula D. Women working in animal husbandry: a study in the agroecological transition context. **Ciência Rural**, v. 50, 2020.

FLORES, Bárbara N.; TREVIZAN, Salvador D. P. Ecofeminismo e comunidade sustentável. **Revista Estudos Feministas**, v. 23, p. 11-34, 2015.

HERRERA, Karolyna M. Da Invisibilidade ao Reconhecimento: mulheres rurais, trabalho produtivo, doméstico e de care. **Política & Sociedade**, v. 15, p. 208–233-208–233, 2016.

HILLENKAMP, Isabelle. ¿Cultivar su autonomía? La agroecología de las agricultoras brasileñas. **Revista de Antropologia Social**, v. 28, n. 2, p. 297, 2019.

LARRAURI, Olga de M.; NEIRA, David P.; MONTIEL, Marta S. Indicators for the analysis of peasant women's equity and empowerment situations in a sustainability framework: A case study of cacao production in Ecuador. **Sustainability**, v. 8, n. 12, p. 1231, 2016.

LEVIDOW, Les; SANSOLO, Davis; SCHIAVINATTO, Monica. Agroecological innovation constructing socionatural order for social transformation: two case studies in Brazil. Tapuya: Latin **American Science, Technology and Society**, v. 4, n. 1, p. 1843318, 2021.

MASSON, Dominique; BASTIEN, Elsa B. The Relational Dynamics of Becoming Popular Feminist Subjects: The World March of Women and Rural/Peasant Women's Organizing in Brazil in the 2000s. **Latin American Perspectives**, v. 48, n. 5, p.42-58, 2021.

MCMAHON, Martha. Resisting globalization: Women organic farmers and local food system. **Canadian Woman Studies**, v. 21, n. 4, 2002.

SAMPER, Adriana E.; CHARÃO, Flávia M. Mulheres camponesas, discursos e práticas para outro desenvolvimento. **Revista Estudos Feministas**, v. 25, p. 683-705, 2017.

SILVA, Márcia Alves da. Pensamento decolonial feminista do Sul: uma experiência de educação popular a partir de narrativas de mulheres camponesas. EccoS–Revista Científica, n. 54, p. 17322, 2020.

SOUZA, Marcela T.; SILVA, Michelly D.; CARVALHO, Rachel. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein (São Paulo)**, v. 8, p. 102-106, 2010.

VARANDA, Ana P. de M. Gênero, trabalho doméstico e comunitário: Um debate a partir das organizações econômicas de mulheres rurais da zona da mata mineira (MG, Brasil). **Finisterra**, p. 131-144, 2019.

WOHLGEMUTH, Neusa H. Alternatives to rural development: Organic agriculture and indigenous communities in Chiapas, Mexico. **Journal of Latin American Geography**, p. 67-88, 2014.